

3x4: revisitando memória e identidade

3x4: volviendo a visitar memoria e
identidad

Caio Lima¹

1 Graduando em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8031548719806996>

E-mail: caiovsvl@gmail.com

Resumo

Neste ensaio, apresento parte de minha pesquisa artística referente ao meu trabalho de conclusão de curso. A investigação ocorre pela prática da escrita e do ato de coletar arquivos da minha infância e adolescência, propondo discutir minha formação e identidade como bixa. São vídeos, fotografias e diários onde procuro encontrar um menino desobediente e diferente daquele que eu acreditei ser em minhas memórias. Busco assim, através do mapeamento de meus arquivos pessoais, revisitar minha infância e adolescência, para assim poder construir uma outra narrativa, periférica e alternativa àquela estabelecida pelo olhar dos outros, como também pelo meu próprio olhar.

Palavras-Chave

fotografia, memória, bixa, mapeamento, identidade.

Resumen

En este ensayo presento parte de mi investigación artística referente a mi tesis de grado. La investigación se desarrolla a través de la práctica de la escritura y el acto de recolectar archivos de mi infancia y adolescencia, proponiendo discutir mi formación e identidad como marica. Son videos, fotografías y diarios donde intento encontrar un chico desobediente y distinto al que creía estar en mis recuerdos. Así, busco, a través del mapeo de mis archivos personales, volver a visitar mi infancia y adolescencia, para poder construir otra narrativa, periférica y alternativa a la establecida por la mirada de los demás, así como por mi propia

Palabras Clave

fotografía, memoria, marica, mapeo, identidad.

ISSN: 2447-1267

Sobre Esquecer

Quando eu me lembro da minha infância e da minha adolescência lembro que eu tinha uma preocupação de como iria aparecer numa foto ou num vídeo. Na verdade, como iria aparecer de uma forma geral para as pessoas. Eu sempre lembro de me perguntar: “será que tô muito viado naquela foto?” “será que vão rir de mim?” Algumas vezes, com alguns primos meus, aproveitava o tom de brincadeira para performar a personagem que queria ser, usava peruca, pensava meu figurino, e fazia meu show na frente da lente. Olhando agora, percebo quantas coisas tive que experimentar com medo e escondido ou que deixei de experimentar por vergonha... E o mais curioso é que nada dessas coisas eu sou hoje. Eu fico me perguntando por que eu esqueci. Por que esqueci que eu costumava gostar de colocar os brincos e a maquiagem da minha mãe? Por que esqueci que eu botava aqueles lindos colares, que pesavam no meu pescoço e às vezes batiam na minha cintura? Por que eu esqueci que ficava em frente ao espelho dançando e usando os braceletes da minha mãe que ficavam largos no meu pulso? Por que esqueci? Por que tantas vezes eu me esforcei para esquecer essas memórias? Por que esqueci que rebolava pela calçada ao voltar para casa? Eu simplesmente gostava de ser assim. Eis uma narrativa que não queria lembrar. Eu queria ser outro menino, talvez não aquele que eu era, mas um outro que faria as coisas esperadas de um menino daquela idade. Eu fico pensando isso. Por que tinha vergonha de mim? Eu fico tentando lembrar quem era esse menino. O que eu me interessava, o que tinha vontade de fazer. A grande maioria das coisas fazia escondido. Eu tinha medo. Desde criança a gente já tem medo, desde pequeno a gente já sabe que falar certas coisas é errado. Desde pequeno a gente já aprende a esquecer.



Quando a mariquinha é maricota

Ele fica me chamando de mariquinha – eu falei baixinho e com a cabeça olhando para o chão.

Minha mãe estava sentada em uma cadeira ao lado da minha cama, passando a mão na minha cabeça.

- Você já perguntou por que ele tá fazendo isso?

- Não sei.

- Como não sei? Ou você perguntou ou não perguntou. Por que ele tá te chamando assim?

- Não sei.

Eu sempre considerava os conselhos de minha mãe. Ela me dizia para eu esquecer.

Eram 17h30, meu pai tinha acabado de chegar em casa. Ele espiou com a cabeça pela porta do meu quarto com um sorriso.

Eu tinha vergonha de contar pro meu pai que não me dava bem na escola com os meninos e que eles costumavam me chamar assim.

Meu pai viu que eu chorava, entrou no quarto e olhou para minha mãe.

- Tem um rapaz que chama o Caio de mariquinha e fica querendo brigar com ele – minha mãe disse.

Senti uma vergonha que corria por todo corpo.

- Por que ele te chama assim? - meu pai perguntou.

- Não sei.

- O que você fez para ele te chamar assim? - Meu pai insistiu no assunto.

- Eu dei de ombros e fiquei olhando para os meus pés sem encarar meu pai nos olhos.

Meus pais se olharam, tentando entender o que tinha acontecido e se eu estava falando a verdade.

- Mãe! – minha irmã gritou.

Meu pai se agachou perto de mim enquanto minha mãe saía do quarto. Falou mais baixo garantindo que minha mãe não conseguiria ouvir e me disse:

- Dá próxima vez que ele falar isso para você, você chuta no meio das pernas dele.

Eu fiquei espantado e depois ri.

- Por quê? - Eu perguntei

Meu pai virou para mim e disse: - Faz isso que eu tenho certeza de que ele nunca mais vai encher seu saco de novo.

Quando o menino voltou a brigar comigo, eu fiz o que me pai aconselhou. O

menino fechou as pernas, se agachou e gritou:

- Sua mariquinha do caralho!

Apenas me lembro de sair correndo dali, morrendo de medo.

Nos dias que se passaram ele não voltou a encher meu saco. No entanto, não durou muito para o menino voltar a me incomodar alguns anos depois.





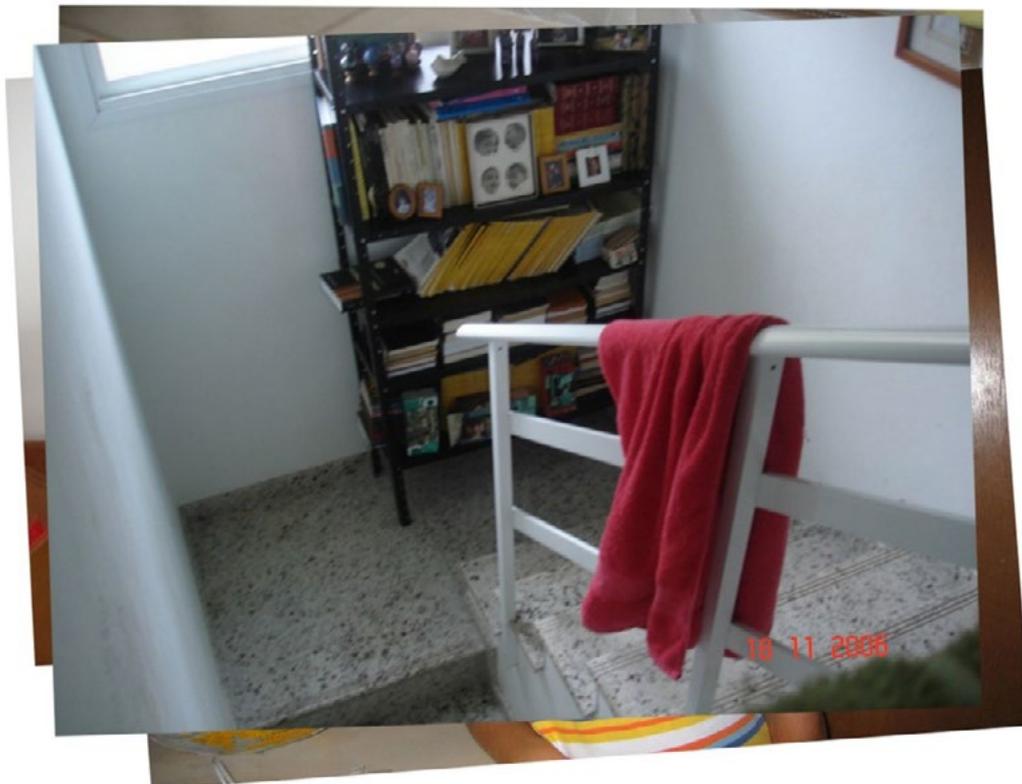
O vestido da minha irmã

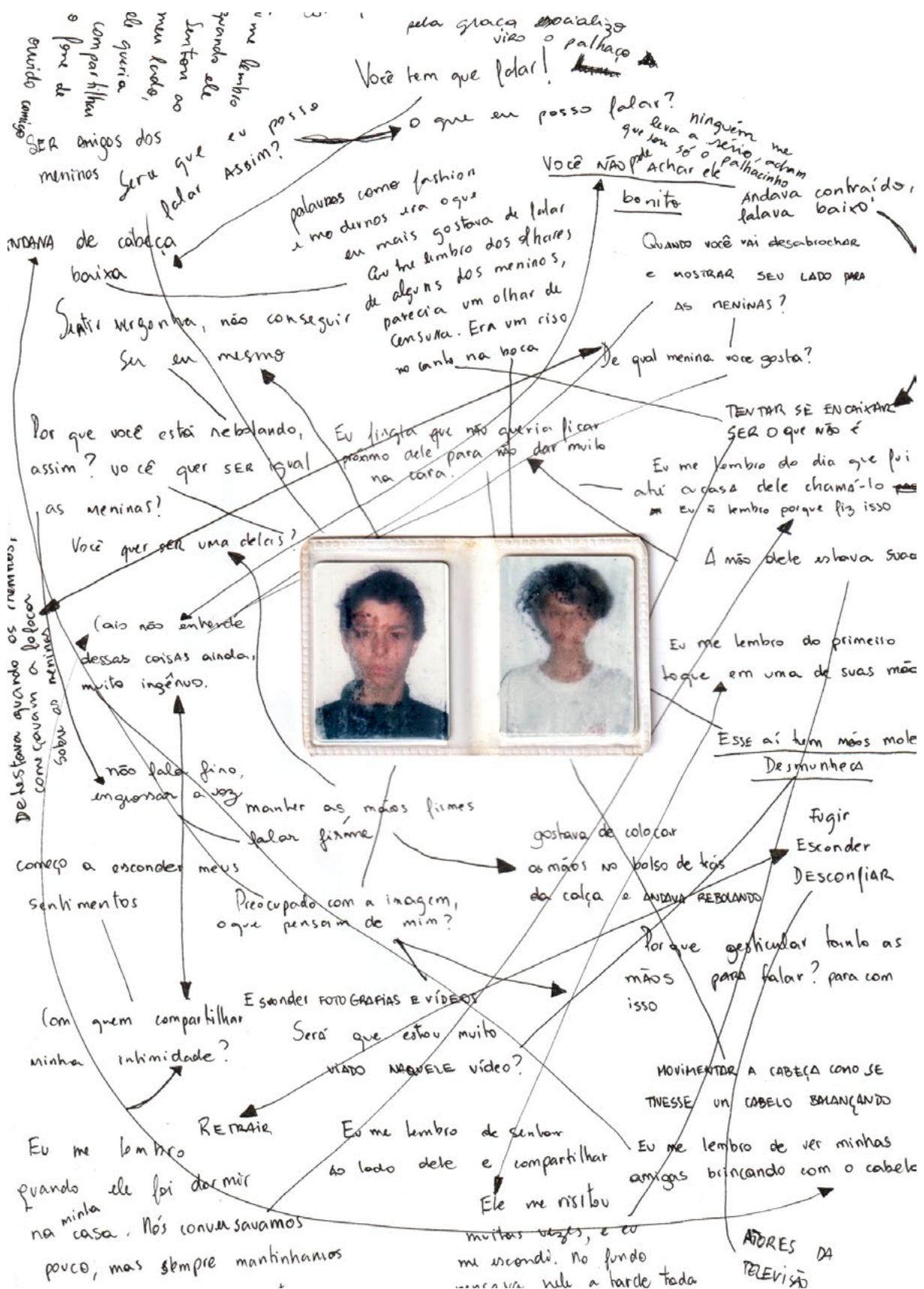
O vestido me era esquisito ao me olhar no espelho, me olhava de costas, subia no banquinho para me ver de corpo todo e mesmo assim me sentia estranho vestindo-o. Não queria tirá-lo de jeito nenhum. Conferia se ninguém tinha chegado e gesticulava andando pelo corredor. Gostava de imitar os mais velhos que conviviam comigo. Me sentia bem. Costumava pegar as barbies de minhas irmãs, bem como os móveis coloridos de suas casinhas de bonecas. Brincava de lavar os cabelos das bonecas, de trocar suas roupas. Entrava no meu quarto, girava, e girando olhava para todo meu quarto em movimento. De repente me deparava novamente com o espelho ao final do corredor, mirando-me novamente com o vestido. Não me gostava. Não parecia combinar comigo. Ou parecia? A culpa corria pelo corpo. Vergonha. Na barriga, um tremendo embrulho. Pensava em meus colegas da escola me vendo assim. Em meu pai e minha mãe. A qualquer barulho no andar de baixo da casa, corria para o quarto da minha irmã, tirava o vestido e o guardava no armário como se nunca o tivesse tocado.

- Pai? - perguntava do corrimão da escada, ouvindo apenas o silêncio da casa.

Acuado, voltava para o meu quarto.

- Será que consigo vesti-lo de novo antes de alguém chegar?

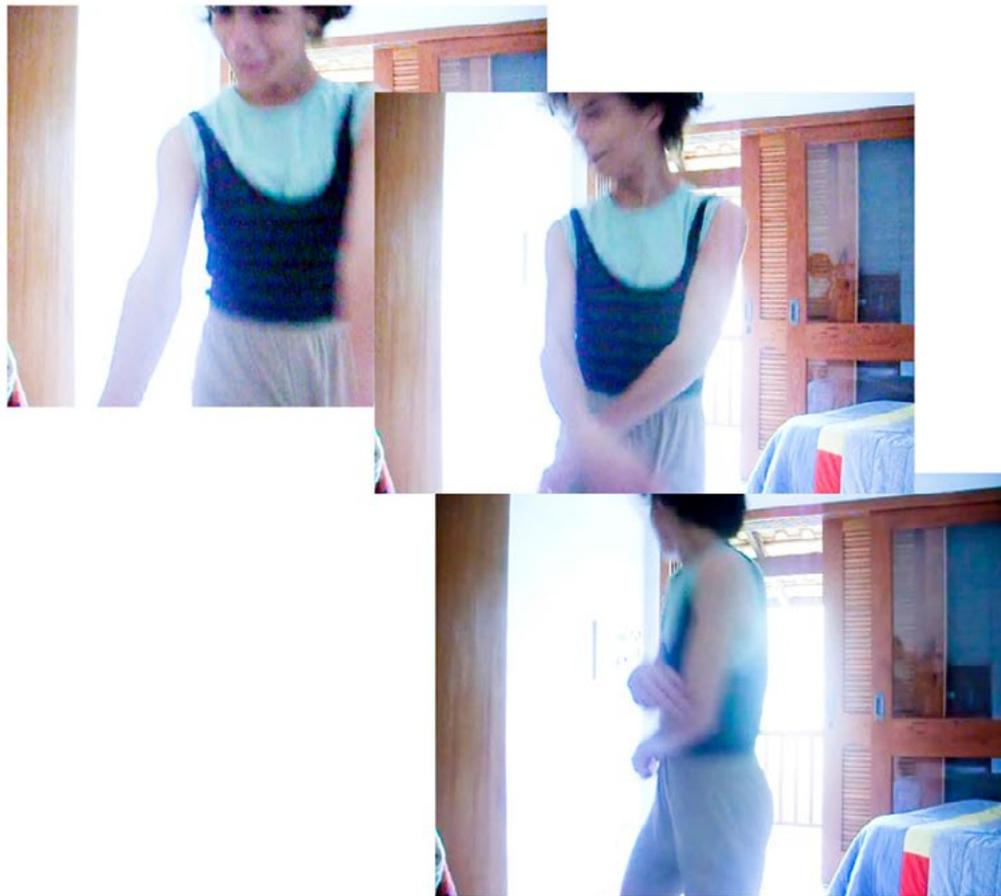


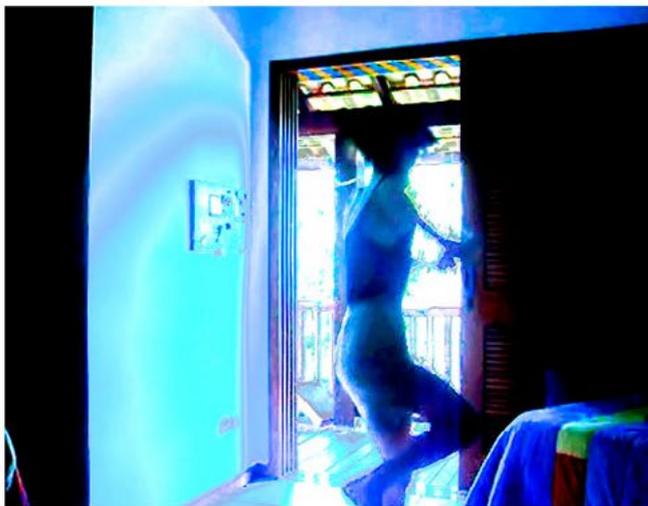




O bigode cresce e você anda desengonçado

Ao revisitar alguns vídeos meus, percebi o quanto eu era retraído e costumava ter uma postura mais curvada. Meu primo, por outro lado, aparecia no vídeo muito cheio de si. Ele andava com os ombros já mais abertos e ele falava com segurança. Já eu era bem magrinho, falava baixo e ficava me esquivando. Eu entendo que à medida que fui crescendo, fui ficando com vergonha de quem eu era. Porque aqueles comportamentos que são engraçadinhos quando você é criança, de repente se tornam um grande problema na adolescência. Você começa a formar quem você é, participa das conversas, te perguntam intimidades e a sexualidade aflora. Não há como se esconder mais. Nas conversas entre os mais velhos era comum ouvir que os meninos, quando chegavam aos 12 ou 13 anos, começavam a engrossar a voz. Alguns diziam que o bigode começaria a crescer e nós ficaríamos desengonçados. Pelo menos era o que costumavam falar pra mim. Era engraçado imaginar isso. Passavam os anos e minha voz nunca engrossava. Acho que fiquei a adolescência toda me atentando a falar grosso por causa destes comentários. Eu não queria que as pessoas vissem quem eu era. Pelo menos, não do jeito que eu era. Foi por volta dessa idade que eu comecei a falar pouco e não me posicionar. O curioso é que quando eu estava sozinho, costumava me gravar. Em alguns desses vídeos eu me vi dançando. O menino que eu esqueci era aquele. Alegre. E que, dançando, parecia ser dono do próprio corpo. Eu acho que em casa, com a minha família, eu tinha mais liberdade, apesar de eu ter vergonha de mim. Eu não me identificava muito com os homens ao meu redor. O jeito que eu falava, a voz muito aguda, o jeito de andar, me parecia muito distante. Eu já imaginava que as pessoas poderiam achar que eu era gay. É engraçado olhar para trás e lembrar que naquela época eu nem me sentia atraído pelos meninos, muito menos pensava em beijar um garoto. Eu só achava que eu tinha comportamentos diferentes dos homens em geral que eu conhecia. Eu sempre entendi que os homens que não eram másculos e que não falavam firme eram os que seriam rechaçados. Eu ficava me perguntando: será que eu vou ser assim? já que eu não sou como meus colegas, meus tios, ou meu pai? Eram essas as perguntas que eu fazia.





falando alto com ele, ou muito baixo, só ficava pensando o que eu devia falar e como me comportar, era estranho de saber tantas coisas do meu respeito e eu dele, porém puxei papo, era claro que ambos estávamos desconfortáveis com a situação. Após retirar os ingressos, fomos andando e conversando, ~~um pouco~~ contendo um ~~do~~ outro, minhas bochechas, provavelmente ^{com o} estavam vermelhas, porque estava sentindo meu rosto quente, entramos numa lojinha onde havia muitos filmes e livros, camisetas à venda, eu ~~de~~ estava muito acelerado, falando qualquer coisa que vinha em minha cabeça, com medo que o assunto terminasse. A sessão iria começar, e situação estranha do começo havia passado um pouco. Após o filme estávamos ~~um pouco~~ mais íntimos um do outro, nós tínhamos nos beijado durante o filme, mas não sabia me comportar muito bem, se eu devia pender de mão dada ou abraçá-lo.

Ele é uma viada do caralho!

voce é VIADO, né?

TIMIDEZ, MUDEI DE CIDADE, FIQUEI 1 ANO SEM FALAR COM NINGUÉM DA ESCOLA

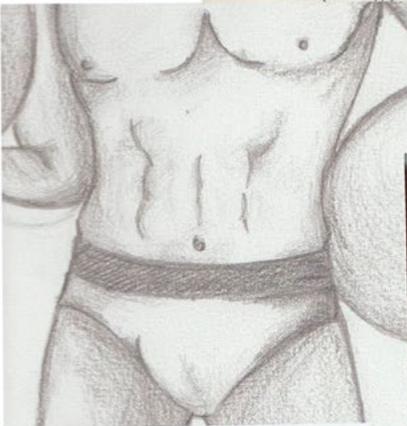
FUGIA DOS ASSUNTOS

que deixa muita vergonha

sempre vou me sentir mais seguro, sei que não sou realmente gay, não que faça coisas que acho, mas acredito que deixei muita vergonha

Quem sabe que sempre vou me sentir mais seguro, sei que não sou realmente gay, não que faça coisas que acho, mas acredito que deixei muita vergonha

REFERÊNCIAS CONFUSAS




VIADO BABACA

Cruza comigo

Estou np cio

gato

Incomodo dis cordância comigo mesmo




TENTAR ME ENCAIXAR.

Vou guardar ESSE segredo à 7 chaves

MÁSCARA DO MENINO PALHAÇO PARA NÃO PRECISA TOCAR EM ASSUNTOS ÍNTIMOS

NUNCA TE OUVIR FALA DE MULHER!

Durante adolescência os meninos implicaram muito comigo. Era comum ouvir os outros CONVERSAREM SOBRE MIM. Adoravam contar, de proposito para mim a música "freedom" do cantor George Michael. Era uma das provocações.

Começar da adolescência

Estava sozinho. De pé, via o comprido corredor que se estendia em minha frente. A luz do entardecer entrava pela porta ao final do corredor e o vento fazia a cortina amarela subir e descer. O relógio de ponteiro na cozinha já dava 17h30 e a casa continuava vazia, sem um único ruído da porta da frente e nem mesmo da rua. Passava a tarde toda tentando me concentrar para estudar para uma prova, mas minha cabeça estava viciada em um único pensamento. Tentava ler outras coisas ou mesmo ligar a televisão para me distrair. Nada que eu fizesse me faria mudar o rumo dos meus pensamentos. Ficava pensando em um amigo da escola. Lembrava daquelas coxas e a vontade de passar minha mão por elas. O máximo que eu chegava perto dele era pela minha imaginação. Por que aquilo me perseguia? Olhei pela janela a rua vazia e disse baixinho: - eu sou gay. Parecia que um tijolo de concreto tinha saído pela minha boca. Assumir aquela identidade me dava vergonha, mas ao mesmo tempo um prazer enorme em dizer: - eu sou gay. Meu corpo esquentou. Fiquei com muito calor no peito. Vi meu reflexo no vidro da janela e minhas bochechas estavam ficando vermelhas como um caminhão de bombeiro. Queria fugir de mim e ao mesmo tempo pronunciar mais uma vez aquelas palavras: - eu sou gay. Uma tensão enorme parecia correr pelas minhas veias e sair no que eu dizia. Olhei mais uma vez para porta de entrada para conferir se ninguém havia chegado. Mais uma vez senti aquele silêncio que cobria todo espaço da casa. Olhei para o fim do corredor e gritei: - EU SOU GAY! Fiquei parado ouvindo as palavras ressoarem na casa. Dei mais um passo no corredor e gritei novamente: - EU SOU GAY! Gritei até minha voz alcançar a parede ao final do corredor. Enquanto eu gritava podia sentir ser outra pessoa. Parecia que eu deixava de ser invisível aos meus próprios olhos.

Submissão: **19/10/20**

Aceitação: **29/10/20**